

SECULARIZAÇÃO E CATOLICISMO:
das considerações de Boaventura Kloppenburg ao anúncio de Leão XIV

SECULARIZATION AND CATHOLICISM:
from Kloppenburg's insights to Pope Leo XIV's proclamation

SECULARIZACIÓN Y CATOLICISMO:
de las ideas de Kloppenburg al anuncio de León XIV

Juliano Marçal de Carvalho*

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
Belo Horizonte, MG, Brasil
E-mail: juliano.carvalho@sga.pucminas.br
ORCID: [0009-0001-1667-7556](https://orcid.org/0009-0001-1667-7556)

RESUMO

Este artigo aborda o conceito polissêmico de secularização e sua relação com o catolicismo contemporâneo, compreendida como um processo histórico de autonomização das esferas sociais diante do sagrado, sem implicar necessariamente o fim da fé. Tem como objetivo revisitar as ideias centrais de Boaventura Kloppenburg sobre a secularização e articulá-las a contribuições atuais da sociologia da religião, para compreender como a Igreja Católica tem se reposicionado diante da modernidade e da pluralização religiosa. A metodologia baseia-se na análise textual dos escritos de Kloppenburg, integrando-os com aportes teóricos da sociologia da religião e com os discursos iniciais do Papa Leão XIV. Os resultados evidenciam que Kloppenburg entende a secularização não como uma ameaça, mas como um chamado à renovação da Igreja, que precisa atualizar suas linguagens, práticas e estruturas para permanecer relevante num mundo plural. Constata-se que o catolicismo contemporâneo se reconfigura por meio da diversidade de expressões, ampliando sua presença no espaço público e respondendo aos desafios das tecnologias, da urbanização e da fluidez religiosa. Conclui-se que a secularização não exclui o sagrado da vida humana. Há uma reconfiguração, com novas formas de vivência, que interpela o catolicismo a assumir uma presença consciente no mundo. Nesse sentido, o pontificado de Leão XIV representa a perspectiva de renovação contínua da missão eclesial, promovendo uma escuta atenta aos sinais dos tempos e reafirmando o compromisso com o diálogo e a esperança, por parte do catolicismo, no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Secularização; Catolicismo; Kloppenburg.

* Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Única de Ipatinga e em Teologia e História das Religiões pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado em História pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé.

ABSTRACT

This article addresses the polysemic concept of secularization and its relationship with contemporary Catholicism, understood as a historical process of the autonomy of social spheres from the sacred, without necessarily implying the end of faith. It aims to revisit Boaventura Kloppenburg's central ideas on secularization and connect them with current contributions from the sociology of religion, in order to understand how the Catholic Church has repositioned itself in response to modernity and religious pluralization. The methodology is based on textual analysis of Kloppenburg's writings, combined with theoretical insights from the sociology of religion and the initial discourses of Pope Leo XIV. The findings show that Kloppenburg does not see secularization as a threat, but as a call for the Church's renewal—a need to update its language, practices, and structures to remain relevant in a plural world. Contemporary Catholicism is found to be reconfigured through diverse expressions, expanding its presence in the public sphere and responding to challenges posed by technology, urbanization, and religious fluidity. The conclusion is that secularization does not eliminate the sacred from human life. Rather, it brings about a reconfiguration with new forms of religious experience, calling Catholicism to assume a conscious presence in the world. In this context, the pontificate of Pope Leo XIV represents a perspective of ongoing ecclesial renewal, encouraging attentive listening to the signs of the times and reaffirming Catholicism's commitment to dialogue and hope in today's world.

Keywords: Secularization; Catholicism; Kloppenburg.

RESUMEN

Este artículo aborda el concepto polisémico de secularización y su relación con el catolicismo contemporáneo, entendido como un proceso histórico de autonomización de las esferas sociales respecto a lo sagrado, sin implicar necesariamente el fin de la fe. El objetivo es revisar las ideas centrales de Boaventura Kloppenburg sobre la secularización y relacionarlas con aportes actuales de la sociología de la religión, para comprender cómo la Iglesia Católica se ha reposicionado ante la modernidad y la pluralización religiosa. La metodología se basa en el análisis textual de los escritos de Kloppenburg, integrados con referencias teóricas de la sociología de la religión y con los discursos iniciales del Papa León XIV. Los resultados indican que Kloppenburg no ve la secularización como amenaza, sino como un llamado a la renovación de la Iglesia, que necesita actualizar su lenguaje, prácticas y estructuras para seguir siendo relevante en un mundo plural. Se constata que el catolicismo actual se reconfigura mediante la diversidad de expresiones, ampliando su presencia en el espacio público y respondiendo a los desafíos de la tecnología, la urbanización y la fluidez religiosa. Se concluye que la secularización no excluye lo sagrado de la vida humana. Hay una reconfiguración con nuevas formas de vivencia que interpelan al catolicismo a una presencia consciente en el mundo. El pontificado de León XIV representa una renovación continua de la misión eclesial, promoviendo el diálogo, la escucha y la esperanza.

Palabras clave: Secularización; Catolicismo; Kloppenburg.

1 INTRODUÇÃO

Abordar o conceito de secularização demanda uma discussão em torno de um objeto que evoca intensos debates acadêmicos, especialmente devido à sua reverberação polissêmica e às suas múltiplas interpretações que surgiram ao longo do tempo e ainda emergem na atualidade. Nessa perspectiva, para entender esse processo, no mundo contemporâneo, é necessário compreender seu conceito no contexto em que se insere.

Em uma abordagem genérica, entende-se que se trata do processo histórico pelo qual a influência social da religião diminui ou se transforma, com a autonomização das esferas

seculares em relação ao sagrado. Já em 1969, o teólogo Boaventura Kloppenburg¹ definiu-a como “um processo histórico pelo qual o mundo toma consciência de sua consistência e sua autonomia” (Kloppenburg, 1969, p. 268). Segundo sua compreensão, emerge a percepção de que as esferas da vida humana, como a ciência, a economia, a política e a moral possuem itinerários próprios, estruturados de forma autônoma, sem a ingerência da autoridade religiosa. Essa consciência de autonomia não nega necessariamente a existência ou a importância da fé; inclusive reconfigura a compreensão no modo como a pessoa vive sua espiritualidade. “Fala-se assim sem inibição e até com entusiasmo das riquezas e das belezas de um cristianismo sem religião, de uma fé a-religiosa” (Kloppenburg, 1969, p. 268).

Ao voltarmos o olhar para a sociologia clássica, encontramos que a secularização foi por muito tempo entendida como um processo linear e universal atrelado à modernização. Teóricos como Bryan Wilson e Peter Berger, nas décadas de 1960 e 1970, previram um declínio da religião à medida que as sociedades se modernizassem. Dessa inferência, emergiu um suposto consenso de que a difusão da modernidade caminhava *pari passu* com a diminuição do peso da religião². “O desenvolvimento teórico fez com que a tese da secularização fosse integrada, durante os anos 1960, na teoria da modernização, tornando-se um de seus axiomas centrais” (Moniz, 2017, p. 75).

Carlos Sell (2015), com base no teorema weberiano, descreve a secularização como um processo de revelação do ser humano moderno e sua relação histórica com o religioso. Para ele: “A natureza dessa problemática extrapola o campo subdisciplinar da sociologia da religião e constitui-se, por essa razão, em uma das categorias macrosociológicas estruturantes da teoria weberiana da modernidade” (Sell, 2015, p. 12). Portanto, do ponto de vista clássico, a secularização ultrapassa a simples constatação de uma perda de influência da religião, assumindo o papel de categoria interpretativa fundamental para a compreensão do processo de constituição da modernidade.

O teorema weberiano, retomado por Sell, reafirma a relevância da secularização como instrumento teórico para compreender as transformações sociais da modernidade,

¹ Boaventura Kloppenburg destacou-se, ao longo da década de 1950, como um pensador relevante no campo da teologia católica, com atuação significativa na apologética, o que contribuiu para sua nomeação como assessor teológico durante o Concílio Vaticano II (1962–1965), onde colaborou diretamente com a delegação episcopal brasileira. A partir dessa inserção, tornou-se uma voz influente na recepção conciliar no Brasil, especialmente na tentativa de articular a tradição eclesial com os desafios da modernidade. Do ponto de vista das Ciências da Religião, sua obra oferece uma chave interpretativa relevante para compreender os efeitos do processo de secularização sobre a experiência religiosa cristã na contemporaneidade. Sua abordagem não se limita à denúncia da perda de influência da religião, mas propõe uma análise das novas configurações do sagrado e da espiritualidade em um cenário marcado pela autonomia das esferas sociais em relação à normatividade religiosa institucional.

² Neste contexto, o termo religião refere-se às instituições, práticas e crenças coletivas que moldam a vida social e cultural dos indivíduos.

evidenciando as múltiplas formas de interação entre o sagrado e o profano na construção do mundo contemporâneo. Assim, “mais do que uma sociologia do religioso na modernidade, a secularização nos remete a uma sociologia do próprio moderno” (Sell, 2015, p.12).

A partir do final do século XX, essa leitura clássica passou a ser observada em função de uma série de eventos que fundamentaram a ideia de uma trajetória humana que reconfigura sua relação com a religião. Diante disso, torna-se necessário compreender a secularização como um fenômeno multifacetado, que se expressa de diferentes maneiras conforme os contextos culturais, políticos e históricos. Esse deslocamento interpretativo abre espaço para uma abordagem mais crítica e plural do conceito, reconhecendo tanto as transformações do religioso no mundo moderno quanto sua permanência e recriação em novos paradigmas. Esse novo olhar representa uma redefinição do itinerário epistemológico da secularização, que passa a integrar categorias mais complexas e plurais.

Neste contexto, foi-se integrando a ideia das múltiplas modernidades na discussão sobre a secularização. Daí emergiu um conjunto de inovações conceituais e epistemológicas sobre o lugar da religião nas sociedades hodiernas. Proliferaram as ideias de dessecularização, pós-secularização, múltiplas secularizações ou secularidades (Sell, Moniz, 2023, p. 6).

Nesse cenário, este artigo se propõe a retomar a abordagem da secularização tal como descrita por Kloppenburg, em seus artigos publicados entre 1969 e 1976 no contexto do catolicismo pós Concílio Vaticano II (1965).

Além disso, reverberamos as contribuições da Sociologia da Religião, que faz uma leitura atualizada do fenômeno da secularização, em vista de análises como as destacadas nas palavras de Carlos Sell e Jorge Moniz, que avaliam o tema a partir de uma epistemologia em progressão.

As teorias da secularização marcaram, de forma indelével, o debate científico na sociologia das religiões desde a década de 1960, tendo-se tornado hegemônicas nas ciências sociais. Todavia, os seus pressupostos foram progressivos e mais sistematicamente questionados, em particular, nas últimas décadas do século XX. Isso foi particularmente evidente nos anos 1980, com a aplicação das teorias econômicas aos estudos de religião, nomeadamente com as teorias da escolha racional e da economia religiosa (Sell, Moniz, 2023, p. 6).

Assim, tal perspectiva permite compreender como o catolicismo vem se reposicionando nas últimas décadas diante da pluralização das crenças, da fragmentação das experiências religiosas e do surgimento de novas formas de vivência da espiritualidade, em consonância com as releituras contemporâneas do processo de secularização propostas por Sell e Moniz (2023).

Por fim, apresentamos um breve olhar para as primeiras falas de Leão XIV diante de um mundo que já se mostra fortemente marcado pelas transformações sociais, políticas e culturais e, principalmente, da consolidação das tecnologias. Seu pontificado sinaliza um momento de inflexão no pensamento da Igreja, ao reconhecer a necessidade de um diálogo com a nova ordem social, sem deixar de afirmar a centralidade da fé cristã no enfrentamento dos desafios emergentes.

A proposta é oferecer uma leitura que reconhece as tensões e possibilidades que emergem do encontro entre fé e modernidade, tradição e transformação, permanência e ressignificação do religioso na contemporaneidade.

Assim sendo, a proposta deste trabalho é evidenciar o modo como o catolicismo, diante das exigências da modernidade, reelabora suas práticas e discursos em um contexto cada vez mais marcado pela pluralização do sagrado e pela reconfiguração da experiência com o sagrado a partir das mídias sociais e da inteligência artificial. Trata-se, portanto, de uma abordagem que se inscreve no campo da reflexão crítica, buscando reconhecer os deslocamentos e as permanências que atravessam o fenômeno religioso na contemporaneidade.

2 A SECULARIZAÇÃO E O CATOLICISMO POR KLOPPENBURG

Kloppenburg (1969) descreve a secularização como um movimento de emancipação da humanidade, da sociedade e da cultura em relação ao controle exercido por mitos, pela religião institucional e pela metafísica. Nesse entendimento, ela corresponde à busca de autonomia das realidades temporais diante da esfera religiosa, uma virtude que a própria Igreja Católica reconheceu como legítima (Concílio Vaticano II, 2015), porém sem perder a dimensão do sagrado.

A secularização não dizia respeito ao abandono na crença, mas a uma reconfiguração que buscava se tornar independente da instituição. Ao mesmo tempo, ressalta Kloppenburg (1969), trata-se de um termo que se apresenta polissêmico e carregado de ambiguidade. Porque para alguns, a secularização seria uma ameaça à fé, ou seja, o começo do fim em que já não haveria religião. Por outro lado, para outros, representava uma única via para resguardar a crença em um mundo onde a religiosidade tradicional entrou em colapso. Isso, considerando as perspectivas da dinâmica do catolicismo em sua ação pastoral que: “renova a compreensão sobre ela mesma, aparecendo tal fato em três domínios da linguagem, o ritual (liturgia), o didático (catequético) e o institucional (direito)” (Caldeira, 2019, p. 1532).

Em meio aos ruídos, Kloppenburg toma uma postura que ocupa o lugar de uma posição equilibrada, reconhecendo na secularização um fenômeno inevitável da modernidade, mas que precisa ser devidamente compreendido em suas nuances. Era, portanto, necessário distinguir os termos *secularização* e *secularismo*.

Enquanto a secularização é apenas a constatação de um processo histórico que se mantém aberto ao transcendente, o “secularismo” implica uma nova visão fechada do mundo que exclui a transcendência, não reconhecendo outros valores fora do mundo. Os atuais defensores cristãos do processo histórico da secularização rejeitam a ideologia do secularismo (Kloppenbug, 1969, p. 269).

Kloppenbug deixa claro que compreende a secularização como um processo histórico e não uma doutrina elaborada com finalidade de descartar transcendência. Inclusive ao contestar a fala do Papa Paulo VI, proferida em 13 de setembro de 1968: “A secularização é admitida por muitos como um processo do pensamento que encontra em si mesmo e na consciência das coisas uma autonomia que o dispensa de entrar em contato com um princípio superior e transcendente chamado Deus” (Paulo VI *apud* Kloppenburg, 1969, p. 269). Esse discurso foi interpretado por ele como palavras injustas, além de inexatas. E acrescentou:

Confesso que não pude encontrar este conceito em nenhum autor cristão secularizante: não veem na secularização um «processo de pensamento», mas um processo histórico, a simples verificação de um fenômeno; nem querem em princípio levar a autonomia à total independência de Deus (Kloppenbug, 1969, p. 269-270).

Nessa perspectiva, a secularização representa uma etapa evolutiva da consciência humana e social, marcada pela legítima autonomia humana. Que não exclui o sagrado, mas redefine suas formas de manifestação e presença no mundo. Assim, ela pode ser vista como compatível com a fé, desde que esta seja vivida de modo renovado, autêntico e sem abandonar o sagrado.

2.1 O modo tradicional latino-americano

Nas análises de Kloppenburg, a secularização assume contornos particulares no contexto latino-americano. Ele observa que a cultura religiosa tradicional da América Latina era marcadamente sacral, isto é, impregnada de elementos religiosos em quase todas as esferas da vida social. Esse *sacralismo* histórico manifestava-se numa religiosidade popular intensa, porém frequentemente misturada a traços de superstição e ritualismo. Essa postura

seria fruto de resistências ao processo de colonização

La “occidentalización” no se realizó tan totalmente en América Latina como en América del Norte. Pues en América del Norte los descubridores no encontraron ninguna cultura capaz de resistir. Pero en México, en América Central y en partes de América del Sur, principalmente en las regiones andinas (Incas) como Perú, Ecuador, Chile, Bolivia (¿Paraguay?) los conquistadores encontraron una cultura muy antigua y rica, capaz, de resistir a los impactos de la occidentalización. [...] Lo mismo debe decirse de las culturas y religiones africanas en esta parte de América Latina, particularmente en el Brasil. El hecho de haber sido un africano trasladado a la fuerza, como un miserable esclavo, de África para América del Sur, no le ha modificado la naturaleza, sus exigencias profundas y sus aspiraciones íntimas³ (Kloppenbug, 1976, p. 308).

Essas especificidades históricas e culturais indicam que a secularização na América Latina não pode ser interpretada como simples reprodução dos modelos europeus. Inclusive, trata-se de um processo singular, tensionado pela convivência de elementos ancestrais e estruturas coloniais, marcado por resistência simbólica e recriação religiosa.

A religiosidade popular, enraizada em cosmovisões originárias e afrodescendentes, ressignificou os elementos impostos, produzindo uma síntese entre tradição e sobrevivência. Nesse contexto, compreender a secularização exige reconhecer a densidade simbólica desse *mundo sacral*, onde o sagrado permanece como força cultural, mesmo diante da crescente racionalização moderna.

Kloppenbug encontra incongruências teológicas nesse processo, as quais denomina por problemas derivados de uma concepção sacral tradicional⁴. Pois, muitas vezes, práticas religiosas populares incorriam em formas de alienação do indivíduo, levando para um universo de hierofanias⁵ que podiam servir de escape de suas misérias reais, sem necessariamente transformá-las (Kloppenbug, 1976). Além disso, essa cultura sacral tendia a sustentar um status quo em que as estruturas sociais permaneciam intocadas sob o manto de uma religiosidade acomodada.

La omisión o la impericia de los responsables: en algunos sectores se siente una clamorosa necesidad de purificar la fe infectada de supersticiones, sacralizaciones indebidas y elementos alienantes y, no obstante, sus responsables mantienen, explotan y promueven,

³ Em livre tradução: “A ‘ocidentalização’ não se realizou de forma tão total na América Latina como na América do Norte. Pois, na América do Norte, os descobridores não encontraram nenhuma cultura capaz de resistir. Mas no México, na América Central e em partes da América do Sul, principalmente nas regiões andinas (incas), como Peru, Equador, Chile, Bolívia (Paraguai?), os conquistadores encontraram uma cultura muito antiga e rica, capaz de resistir aos impactos da ocidentalização. [...] O mesmo deve ser dito das culturas e religiões africanas nesta parte da América Latina, particularmente no Brasil. O fato de um africano ter sido trazido à força, como um miserável escravo, da África para a América do Sul não modificou sua natureza, suas exigências profundas e suas aspirações íntimas”.

⁴ As conspeções afirmativas de Kloppenburg estão inseridas em seu contexto histórico e refletem sua cosmovisão eclesial apologética.

⁵ Anjos, espíritos, milagres.

o al menos toleran abiertamente, estas formas alienantes de la religiosidad popular (Kloppenburger, 1976, p. 313).

Superar o *sacralismo*, sob a sua perspectiva, significa, portanto, purificar a fé de seus elementos mágicos ou culturalmente alienantes, abrindo caminho para uma vivência cristã mais adulta e engajada no mundo.

2.2 O Sagrado no mundo secularizado

Kloppenburger entendia que a Igreja Católica estava inserida no contexto das transformações e atualizações no *modus vivendi* da sociedade. Ao passo que, se a instituição não considerasse as transformações e mudanças, ela própria incorria no risco de se tornar obsoleta perante as pessoas.

O que ontem era aceitável e aceito, hoje é posto em dúvida e rejeitado. E se, não obstante, por um princípio de fidelidade ou talvez até de comodidade, persistirmos em falar hoje tal como se falava ontem, corremos o risco de não sermos nem sequer ouvidos; e, portanto, deixamos de ser pastores. Desanimamos então. Sentimos que não vale a pena ser padre. Entramos em crise. Mas se a tempo abrimos os olhos, se com simpatia tentarmos compreender as novas situações e suas exigências (Kloppenburger, 1969a, 514).

Portanto, qual deve ser a postura da Igreja Católica em um mundo secularizado? Kloppenburger responde a essa pergunta em sintonia com o espírito do Concílio Vaticano II. Ou seja, a Igreja Católica não deve recuar perante a secularidade, mas encarnar-se nela. Assim como em outras épocas, o cristianismo expressou o sagrado por meio de diferentes formas culturais, no mundo contemporâneo se faz necessário que a instituição se insira no mundo secular com igual ardor missionário (Kloppenburger, 1976).

Assim sendo, para Kloppenburger, é importante compreender que o mundo secular não deve ser confundido com um mundo contrário ao sagrado, isso evita reducionismos que desqualificam a ação divina na história e na criação. Dizer que o mundo é profano ou secular não significa que ele esteja, por natureza, longe de Deus. Essa leitura equivocada desconsidera o princípio teológico da Igreja Católica, segundo o qual o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é chamado a colaborar com a obra criadora, governando a terra em justiça e santidade (Concílio Vaticano II, 2015). O mundo, mesmo secularizado, continua sendo espaço de revelação e de responsabilidade ética, pois é nele que o ser humano vive, age e orienta sua existência em direção ao transcendente.

Dizer, portanto, que o mundo não-sacro ou dessacralizado é um mundo profano ou secular, pode causar profundos equívocos. Será sempre um mundo no qual o homem, criado à imagem de Deus, recebeu a missão de submeter a terra com tudo o que nela existe, de governar o mundo em justiça e santidade (Kloppenbug, 1969, p. 281).

Kloppenbug, em harmonia com o Concílio Vaticano II, entende que a Igreja Católica deve aceitar o desafio de uma nova forma de evangelização, não apenas como repetição de conteúdos doutrinários, mas como diálogo vivo com a cultura contemporânea. É nesse terreno, marcado pela racionalidade moderna, pelas liberdades individuais e pela pluralidade de sentidos, que a fé cristã deve conviver e manifestar sua identidade. O mundo secularizado, portanto, é o novo campo onde a presença de Deus precisa ser testemunhada por meio de uma instituição inserida no mesmo ambiente.

Portanto, a secularização é compreendida por Kloppenburg como um movimento da história que exige, da Igreja Católica, a renovação e a maturidade na vivência religiosa. Ao reconhecer o valor da autonomia das realidades temporais e a pluralidade do mundo moderno, ele descreve que o cristianismo seja compreendido de forma consciente, livre de *sacralismos* alienantes e aberto à escuta dos sinais dos tempos. Trata-se de reencontrar, no interior de um mundo, o essencial da fé cristã, a destacar: a santidade, a comunhão e o compromisso com Evangelho⁶.

Ao mesmo tempo, Kloppenburg adverte que a secularização deve ser acompanhada de um esforço, por parte da Igreja Católica, para atualizar sua linguagem, suas estruturas e sua prática pastoral. A fidelidade ao Evangelho exige um dinamismo missionário capaz de traduzir a mensagem cristã em categorias compreensíveis para o homem e a mulher de hoje. Esse compromisso passa pelo abandono de formas ultrapassadas que já não comunicam a fé com eficácia e pela abertura a novos modelos de presença eclesial que dialoguem com a realidade concreta das pessoas.

Kloppenbug oferece uma visão prospectiva do fenômeno da secularização, sem ignorar seus desafios nem desconsiderar suas possibilidades. A fé cristã, ao invés de ser marginalizada pelo mundo moderno, encontra nele um novo espaço para florescer, desde que seja vivida com profundidade, coerência e abertura ao outro.

A secularização desloca o sagrado para outras formas de expressão, exigindo da Igreja não um lamento pelo que se perdeu, mas um compromisso com aquilo que pode ser semeado e cultivado no presente. O mundo secularizado, sob a ótica de Kloppenburg, não é o fim da fé, mas um novo campo de missão para a Igreja Católica.

⁶ Elementos fundamentais que formam o substrato da moral católica.

3 O ITINERÁRIO DO CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO NO CONTEXTO DA SECULARIZAÇÃO

Se, para Kloppenburg, a secularização não significava o fim da fé cristã, mas o deslocamento de suas formas e linguagens para novas configurações culturais, ao olharmos para o contexto atual, encontramos elementos de suas ideias. Pois o mundo secularizado apresenta-se como um campo fértil de transformação, onde o sagrado continua a emergir e fazer parte do cotidiano das pessoas. Nesse cenário, cabe à Igreja Católica reposicionar-se diante das mudanças profundas que atravessam o tecido social, cultural e religioso das sociedades modernas.

Para entender o catolicismo nesta conjuntura contemporânea, se faz necessário compreender como a Igreja Católica se estabelece em diferentes contextos socioculturais; como tem reelaborado seu discurso, suas práticas pastorais e seus modos de presença no mundo. No Brasil, por exemplo, o catolicismo atravessa um processo intenso de transformações estruturais e simbólicas, isso em função da crescente diversidade e reconfiguração do modo subjetivo de vivência da crença (Sell, Moniz, 2023). Isto é, novos fenômenos indicam uma reconfiguração no modo como os sujeitos se relacionam com o sagrado, com as tradições religiosas e com a experiência da fé no espaço público e privado. Essas mudanças vêm ocorrendo de forma significativa no Brasil, bem como na América Latina nos últimos 60 anos, desde o Concílio Vaticano II.

Da mesma forma, desde o período posterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965), também o campo católico brasileiro vem passando por profundas mudanças. Elas se devem, por um lado, aos processos de renovação promovidos internamente pela Igreja Católica, mas elas também precisam ser compreendidas à luz das mudanças externas no cenário social (industrialização, urbanização, informatização etc.) e religioso (avanço do pentecostalismo) do Brasil. Sua face mais visível é o surgimento de novas tendências no interior do catolicismo, em especial o Cristianismo da Libertação, a Renovação Carismática Católica e os grupos neotradicionalistas (Sell, Moniz, 2023, p. 8).

A presença da Igreja Católica na sociedade se reconfigura. Isso é, por um lado, há uma tentativa de reafirmar sua relevância por meio de discursos que dialogam com questões sociais e políticas, por outro, observa-se um deslocamento da autoridade religiosa tradicional, com um aumento da participação de leigos e movimentos independentes na construção da identidade católica contemporânea. Outro aspecto relevante é o impacto das tecnologias digitais na vivência da fé. De acordo com Sbardelotto (2017), com o desenvolvimento das redes digitais, surgiram novas formas de interação e de expressão do

sagrado, nas quais o sagrado circula de modo fluido.

No contexto pós-Concílio Vaticano II, cuja intenção não era discutir doutrinas fundamentais, mas atualizar a missão da Igreja no mundo, observa-se um esforço da instituição em equilibrar tradição e inovação, conforme destacou o Papa João XXIII (1962, p. 5): "A finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito". A Igreja Católica visa equilibrar tradição e inovação, reafirmando sua identidade enquanto dialoga com as transformações sociais e culturais que marcam a modernidade.

Portanto, entendemos que o catolicismo se apresenta de modo heterogêneo, assim como foi desde as primeiras comunidades cristãs, atravessado por disputas simbólicas e de linguagem (Cavalcanti, 2024). A presença católica hoje se fragmenta em uma multiplicidade de formas, expressões e pertencimentos. A partir dessa constatação, torna-se necessário aprofundar as principais tendências que marcam o itinerário do catolicismo no presente, analisando seus sentidos e implicações sociológicas à luz do processo contínuo de secularização.

3.1 O panorama da migração de católicos

Olhando para Brasil, vemos que, apesar da redução no número de católicos, o catolicismo permanece como a religião de referência da maioria dos brasileiros. Estudos sobre o trânsito religioso indicam que um número considerável de pessoas, mesmo que tenham se afastado da prática religiosa institucional, mantêm uma identificação cultural e afetiva com o catolicismo (Sofiati, Moreira, 2018). Essa tendência é particularmente observada entre os idosos, que apresentam uma taxa de identificação católica superior à média nacional, sugerindo um possível trânsito de retorno à fé de origem na maturidade.

Marcelo Camurça, antropólogo brasileiro, descreve como crise do catolicismo o reflexo das transformações sociais, culturais e religiosas da modernidade. No caso brasileiro, Camurça (2013) destaca a dificuldade da Igreja Católica em acompanhar as migrações internas e em estabelecer presença institucional nas periferias urbanas e nas fronteiras de ocupação. Esse comportamento evidencia uma recomposição do campo religioso brasileiro, em que a identidade religiosa é fluida e dinâmica (Camurça, 2017).

Esse cenário de mobilidade religiosa e de identificação cultural parcial ou seletiva com o catolicismo revela que a secularização, no Brasil, não opera simplesmente como recusa da

religião, mas como uma presença multifacetada no espaço público e privado.

Assim, a Igreja Católica assume uma identidade cada vez mais confessional diante da pluralidade religiosa crescente, o que a impulsiona a combinar elementos tradicionais e modernos em suas expressões internas. Tais reações ocorrem de maneira distinta entre os segmentos carismáticos e os grupos de orientação mais tradicionalista, evidenciando respostas plurais aos desafios impostos pela secularização (Sell, Moniz, 2023).

Portanto, o catolicismo contemporâneo não pode ser estudado somente a partir de um modelo homogêneo ou centrado exclusivamente na instituição clerical. Sua dinâmica interna revela uma pluralidade de formas de pertença, práticas e discursos que oscilam entre a manutenção da tradição e a adoção de novos formatos de vivência religiosa.

Nessa conjuntura, a secularização apresenta um itinerário em que permanência e mutação caminham lado a lado, exigindo da Igreja Católica uma constante rearticulação entre identidade e relevância pública.

3.2 A Igreja Católica no espaço público

A presença da Igreja Católica no espaço público contemporâneo revela um movimento ambíguo de retração e reposicionamento. Por um lado, observa-se a perda de hegemonia institucional em diversos campos da vida social, como a educação, a política e os meios de comunicação. Ao passo que a instituição busca novas formas de intervenção pública. Alguns movimentos⁷ têm assumido posturas categóricas em temas morais, sociais e culturais. Ao mesmo tempo que outros grupos buscam uma inserção prática, visando os problemas socioeconômicos. Assim:

[...] o catolicismo é o melhor exemplo de uma tradição religiosa com um sistema de sentido pluriaberto, multicênico e em constante transformação. Como afirma, o cenário religioso favorece a tendência à abertura e diversificação do catolicismo, com o surgimento de múltiplas variações internas (Sofiatí, Moreira, 2018, p. 293).

Essa presença multifacetada se dá em meio a uma sociedade marcada pela pluralização das vozes religiosas, pela racionalização das esferas públicas e pela crescente visibilidade de movimentos evangélicos, exigindo da Igreja Católica uma reinvenção discursiva e pastoral. Assim, possibilita-se manter sua relevância e presença pública em um

⁷ Um movimento católico é uma forma de organização dentro da Igreja Católica composta, em sua maioria, por leigos (podendo incluir religiosos e clérigos) que se reúnem com o objetivo de viver e promover mais intensamente a fé cristã, de acordo com um carisma específico, isto é, um dom ou espiritualidade particular reconhecida pela Igreja.

ambiente no qual já não possui o monopólio simbólico da normatividade moral e religiosa.

A convivência entre vertentes tradicionais, conservadoras, grupos de inspiração pentecostal e organizações voltadas à ação social revela que o catolicismo brasileiro permanece ativo no espaço público, porém descrito por diferentes formas de presença, linguagem e missão. Trata-se, portanto, de um catolicismo que já não fala de um único centro, mas que se descentraliza e se adapta para continuar sendo voz significativa em meio à complexidade da modernidade plural. Sendo assim, “vários são os rostos e subjetividades, tanto do clero, das religiosas, dos jovens e do catolicismo como um todo, quanto do fiel a ser alcançado e ter o coração tocado com a mensagem cristã deixada por Jesus” (Nogueira, 2023, p. 788).

Portando, o panorama atual aponta para uma realidade em que a matriz católica continua hegemônica, mesmo que diversificada, com marcas de reconfigurações internas e disputas por sentidos no espaço público (Sofiat, Moreira, 2018). A hegemonia atual ocupa o lugar de uma presença que precisa ser constantemente reafirmada, em diálogo com a pluralidade de crenças e formas de espiritualidade.

Nesse cenário, a Igreja Católica permanece como um ator religioso relevante, mas atravessado por desafios contemporâneos que exigem renovação discursiva, sensibilidade pastoral e escuta dos sinais dos tempos. Nesse ambiente a instituição enfrenta desafios por demais exigentes. E sob a liderança de Leão XIV terá diante de si a tarefa de interpretar essa nova configuração religiosa e social, equilibrando tradição e inovação para manter a relevância da Igreja no espaço público.

4 LEÃO XIV E MUNDO SECULARIZADO: TRADIÇÃO, ESCUTA E RENOVAÇÃO NO CATOLICISMO ATUAL

Conectar o legado teológico de Kloppenburg e as demandas do pontificado de Leão XIV é oportuno, pois os temas se tangenciam em um ponto nevrálgico do catolicismo contemporâneo, ou seja, da presença da Igreja Católica no mundo secularizado. Trata-se do equilíbrio entre manter a tradição e inserção nas novas linguagens modernas. Como escreveu o teólogo: “Hoje, para poder cumprir sua missão, a Igreja deverá aprender a estar presente e atuante no mundo secular, mas sem ter para isso nem a experiência nem a jurisprudência do passado” (Kloppenburg, 1970, p. 518). E, 50 anos depois, aos comunicadores, falou o Papa:

“Vivemos tempos difíceis de atravessar e narrar, que representam um desafio para todos nós, do qual não devemos fugir. Pelo contrário, estes tempos pedem a cada um de nós, nas nossas diferentes funções e serviços, que nunca cedamos à mediocridade. A Igreja deve aceitar o desafio do tempo e, do mesmo modo, não pode haver comunicação e jornalismo fora do tempo e da história” (Leão XIV, 2025).

Leão XIV reconhece os desafios impostos pela secularização, bem como aponta para uma *práxis*⁸ que une tradição e renovação. Sua abordagem não é de recuo, mas de presença lúcida e ativa no tempo presente. Ao afirmar que “a Igreja deve aceitar o desafio do tempo” (Leão XIV, 2025), o Papa se insere na linha hermenêutica do Concílio Vaticano II e na tradição teológica que, como propunha Kloppenburg, compreende a secularização não como um rompimento com o sagrado, mas como um deslocamento de suas expressões sociais.

Assim, a eleição do Cardeal Prevost inaugurou um novo pontificado carregado de expectativas em relação ao papel da Igreja Católica num mundo cada vez mais secularizado e repleto de desafios contemporâneos. Seu rosto emocionado, contemplativo e com um sorriso discreto ao aparecer na sacada pela primeira vez sintetizou, em sua fala, três elementos que remeteram às principais dimensões do pontificado de Francisco, seu antecessor. Os quais tratam de uma Igreja: sinodal, missionária e construtora de pontes. Em um momento histórico de diferentes símbolos, o Bispo de Roma retomou o uso da mozeta⁹ e da estola¹⁰ vermelhas. Veste e paramento que aludem aos demais Pontífices, em especial a Bento XVI, que foi um apologeta da identidade católica. Foi dessa forma que ele se apresentou ao mundo.

Neste espírito de fé, o Colégio Cardinalício reuniu-se para o Conclave. Chegando com histórias diferentes e a partir de caminhos diversos, colocámos nas mãos de Deus o desejo de eleger o novo sucessor de Pedro, o Bispo de Roma, um pastor capaz de guardar o rico património da fé cristã e, ao mesmo tempo, de olhar para longe, para ir ao encontro das interrogações, das inquietações e dos desafios de hoje (Leão XIV, 2025a).

Assim, o pontificado de Leão XIV inaugura um novo capítulo na relação entre a Igreja Católica e o mundo secularizado. Situado entre a fidelidade à tradição e a abertura ao novo, os primeiros gestos de seu ministério apontam para um projeto pastoral comprometido em

⁸ Na teologia católica, *práxis* refere-se à prática concreta da fé e da doutrina cristã no cotidiano, especialmente no compromisso social e pastoral da Igreja. É um conceito que une teoria e ação, enfatizando que a fé não deve ser apenas contemplativa, mas também vivida e aplicada na realidade.

⁹ A mozeta é uma peça do vestuário eclesiástico usada por membros do alto clero da Igreja Católica, como o papa, cardeais, bispos e prelados. Trata-se de uma capa curta, com botões na frente, que cobre os ombros e parte do peito e das costas, geralmente usada sobre a batina.

¹⁰ A estola é uma veste litúrgica da Igreja Católica (e de outras tradições cristãs, como a Ortodoxa e a Anglicana), usada exclusivamente por ministros ordenados — diáconos, padres e bispos — durante a celebração dos sacramentos e outras funções litúrgicas.

preservar a identidade da fé católica, sem renunciar à escuta atenta e ao diálogo construtivo com os desafios do tempo presente.

4.1 Demandas emergentes: tecnologia, redes, pluralismo e missão urbana

Além das tendências gerais do catolicismo, Leão XIV explicitou em suas falas uma série de desafios inéditos ou intensificados na atualidade, que demandam atenção especial. Entre eles destacam-se: os avanços da tecnologia, particularmente a inteligência artificial, o impacto da comunicação digital, o acirramento do pluralismo religioso, especialmente nas grandes cidades. Ao colégio de cardeais ele afirmou:

Vivemos tempos difíceis de atravessar e narrar, que representam um desafio para todos nós, do qual não devemos fugir. Pelo contrário, estes tempos pedem a cada um de nós, nas nossas diferentes funções e serviços, que nunca cedamos à mediocridade. A Igreja deve aceitar o desafio do tempo e, do mesmo modo, não pode haver comunicação e jornalismo fora do tempo e da história (Leão XIV, 2025b).

A escolha do nome *Leão* remete ao Papa que escreveu a encíclica *Rerum Novarum*¹¹ (1891) que respondeu aos desafios sociais da industrialização e das dificuldades dos mais pobres ao afirmar:

Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida (Leão XIII, 1891).

De forma análoga, Leão XIV sugere que a Igreja deve oferecer sua doutrina social para iluminar a *nova revolução industrial* da era digital. E demonstra que, concretamente, a Igreja Católica pretende participar ativamente do debate público sobre inteligência artificial, ética de dados, proteção do trabalho humano frente à automação e promoção de uma cultura que valorize o que é especificamente humano.

Outra inferência é que, com Leão XIV, a Igreja Católica não se omitirá diante dos desafios éticos contemporâneos e, ao mesmo tempo, deve oferecer sua visão e valores para orientar o uso responsável da tecnologia e internamente fortalecer a missão evangelizadora no mundo digital.

¹¹ A encíclica *Rerum Novarum*, publicada pelo Papa Leão XIII em 15 de maio de 1891, aborda a condição dos operários e é considerada o marco fundamental na elaboração da Doutrina Social da Igreja, que é a reunião dos documentos católicos que abordam as dimensões social e política.

4.2 Secularização como processo histórico: da análise de Kloppenburg à resposta contemporânea do catolicismo

Kloppenbug, escrevendo no período pós-Concílio Vaticano II, descreveu a secularização como um processo histórico complexo e inevitável. Para ele, trata-se de um movimento de emancipação consciente do ser humano e da sociedade frente às estruturas tradicionais de normatividade religiosa. Nas suas primeiras palavras como pontífice, Leão XIV demonstra alinhar-se a uma compreensão igualmente equilibrada e histórica da secularização, em sintonia tanto com Kloppenburg quanto com a perspectiva conciliar. Em vez de condenar o *mundo moderno*, o Papa reconhece os desafios do tempo presente, mas insiste que não devemos recuar diante deles, e sim assumi-los com discernimento e coragem pastoral.

Na homilia aos cardeais, em um texto impregnado da teologia agostiniana, Leão XIV alertou para a consciência de como deve ser o seguimento de Cristo, inclusive ao retomar uma ideia de Francisco, repetida algumas vezes, de que Jesus não era um mero revolucionário. E que a inserção no mundo não deve ser fácil.

Ainda hoje não faltam contextos em que a fé cristã é considerada uma coisa absurda, para pessoas fracas e pouco inteligentes; contextos nos quais em vez dela se preferem outras seguranças, como a tecnologia, o dinheiro, o sucesso, o poder e o prazer. São ambientes onde não é fácil testemunhar nem anunciar o Evangelho, e onde quem acredita se vê ridicularizado, contrastado, desprezado, ou, quando muito, suportado e digno de pena (Leão XIV, 2025b).

Ao abordar essa realidade, reforça que a missão da Igreja não é se afastar do mundo, mas sim ser um farol que ilumina as noites (Leão XIV, 2025b), oferecendo esperança e sentido em meio às incertezas contemporâneas. Assim sendo, a secularização não deve ser vista como um inimigo a ser combatido, mas como um cenário que interpela a fé a se tornar mais autêntica. Ele acrescentou:

No entanto, precisamente por isso, são lugares onde a missão se torna urgente, porque a falta de fé, muitas vezes, traz consigo dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação – sob as mais dramáticas formas – da dignidade da pessoa, a crise da família e tantas outras feridas das quais a nossa sociedade sofre, e não pouco (Leão XIV, 2025a).

Portanto, o pontificado de Leão XIV, *a priori*, demonstra um esforço consciente para interpretar a secularização como uma realidade histórica que desafia a Igreja a aprofundar sua identidade e missão. Em sintonia o Concílio Vaticano II, as palavras do Papa sinalizam

que o mundo secularizado demanda uma presença pastoral propositiva. Sua abordagem reforça que a fé cristã, longe de ser obsoleta, continua essencial para iluminar os dilemas humanos e sociais da contemporaneidade.

Dessa forma, Leão XIV posiciona a Igreja como uma voz ativa na sociedade, chamada a testemunhar esperança e discernimento em meio às transformações culturais e tecnológicas.

Portanto, o pontificado de Leão XIV, em seus primeiros gestos e discursos, evidencia uma tentativa de elaborar uma resposta pastoral às reconfigurações do campo religioso, considerando os impactos da secularização sobre a experiência de fé e o papel da Igreja na sociedade contemporânea.

Embora não utilize diretamente o termo *mundo secularizado*, seu discurso remete a contextos marcados pela racionalização cultural, pela pluralização das crenças e pelo deslocamento da religião institucional das esferas centrais da vida social, tal como analisado pela sociologia da religião. Em sintonia com a hermenêutica do Concílio Vaticano II, Leão XIV indica que a presença eclesial no tempo presente exige discernimento histórico, renovação pastoral e abertura ao diálogo com os sujeitos da modernidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A secularização é um processo histórico que redefine o papel tradicional da religião nas sociedades modernas, sem implicar, necessariamente, sua extinção. Para Kloppenburg, trata-se da conquista de autonomia das esferas humanas em relação à autoridade religiosa, expressando-se como uma realidade multifacetada e repleta de nuances. Em vez de negar a fé, essa nova configuração do mundo favorece formas distintas de vivência religiosa, ampliando a liberdade de expressão espiritual e abrindo novos espaços de presença e atuação para o sagrado. A sociologia da religião, por sua vez, tem contribuído para ampliar esse olhar, mostrando que o secular e o religioso não se excluem, mas coexistem em arranjos variados e contextuais.

No contexto latino-americano, a secularização assumiu contornos próprios, marcados pela convivência entre práticas religiosas tradicionais e intensas transformações culturais. O catolicismo popular, com suas expressões híbridas, resistiu à uniformização promovida pela modernidade secular e reinterpretou o sagrado a partir de novas referências simbólicas.

Kloppenburg analisou esse cenário com atenção, reconhecendo tanto suas riquezas

quanto suas ambivalências. Para ele, era necessário distinguir entre a fé genuína e formas de religiosidade que, ao invés de libertar, perpetuavam alienações e sustentavam estruturas sociais injustas sob a aparência do sagrado. A resposta, portanto, não seria a rejeição indiscriminada, mas uma purificação crítica dessas expressões, orientada por um discernimento pastoral comprometido com a justiça.

Diante das transformações contemporâneas, o catolicismo se apresenta como uma realidade cada vez mais plural, marcada por distintas formas de presença e atuação no mundo. Grupos leigos, movimentos carismáticos, correntes conservadoras e iniciativas sociais coexistem no interior do mesmo espaço eclesial.

Essa diversidade expressa o esforço da Igreja Católica em permanecer como uma referência, seja por meio do diálogo com as mudanças sociais ou pela reafirmação de suas doutrinas. Em todas essas expressões, nota-se uma tentativa de reelaborar sua linguagem, sua *missão evangelizadora* e a atuação no espaço público, em um contexto em que já não ocupa uma posição de centralidade simbólica absoluta.

A secularização não representa o fim da religião, mas o reordenamento de sua função social. Historicamente, o catolicismo respondeu à modernidade com múltiplas estratégias, buscando, do ponto de vista sociológico, adaptar-se a um campo religioso cada vez mais fragmentado. Nesse contexto, emergem novas formas de espiritualidade e pertencimento que desafiam a Igreja a escutar mais e renovar suas práticas.

A articulação entre as hermenêuticas eclesiológicas de Kloppenburg e Leão XIV oferece pistas sobre a permanência do catolicismo no mundo em transformação. Kloppenburg reconhece a legitimidade da secularização, desde que aberta ao transcendente; Leão XIV insiste na coragem pastoral diante das mudanças, sem abdicar da fé. Ambos apontam para a necessidade de renovação, escuta e compromisso com a realidade concreta.

Pensar o catolicismo contemporâneo exige atenção às tensões entre tradição e inovação. Trata-se de observar como o religioso vem sendo reconfigurado frente às tecnologias, aos fluxos culturais e às novas dinâmicas sociais. Acompanhando os caminhos do sagrado em uma sociedade onde sua presença precisa ser constantemente reinterpretada, e as práticas, reinventadas.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. O Concílio Vaticano II como objeto de leitura: a formação das culturas conciliares. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1.526-1.543, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v17n54p1526>.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do CENSO de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento**: o CENSO de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 61–83.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Os sem religião no Brasil: Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, p. 55-70, set./dez. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342518>. Acesso em: 21 maio 2026.

CAVALCANTI, Juliana Batista. **A primeira igreja cristã**. São Paulo: Fonte Editorial, 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje: Gaudium et Spes. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Introdução e índice analítico de Frei Boaventura Kloppenburg; coordenação geral de Frei Frederico Vier. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015b. p. 143–256.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso de abertura do Concílio Vaticano II. **A Santa Sé**, 11 out. 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em: 5 maio 2025.

KLOPPENBURG, Boaventura. Secularização. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 29, n. 2, p. 268–307, 1969. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v29i2.4684>.

KLOPPENBURG, Boaventura. Perante Deus Ontem e Hoje. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 29, n. 3, p. 513–549, set. 1969a. DOI: <https://doi.org/10.29386/reb.v29i3.4665>.

KLOPPENBURG, Boaventura. A Santificação de um Mundo Dessacralizado. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 30, n. 119, p. 513–537, 1970. DOI: [10.29386/reb.v30i119.4549](https://doi.org/10.29386/reb.v30i119.4549).

KLOPPENBURG, Boaventura. *El proceso de secularización en América Latina*. **Revista Medellín**, Bogotá, v. 2, n. 7, p. 309–329, set. 1976. Disponível em: <https://revistamedellin.unibautista.edu.co/index.php/Med/article/view/2>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. **A Santa Sé**, 15 maio 1891. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 13 maio 2025.

LEÃO XIV. Audiência do Santo Padre Leão XIV aos agentes da comunicação. **A Santa Sé**, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250512-media.html>. Acesso em: 15 maio 2025.

LEÃO XIV. *Messa con i Cardinali*. **A Santa Sé**, 9 maio 2025a. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leao-xiv/it/homilies/2025/documents/20250509-messa-cardinali.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.

MONIZ, Jorge Botelho. As falácias da secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 16, n. 36, p. 74–96, maio/ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2017v16n36p74>.

NOGUEIRA, Celeide Agapito Valadares. Clero e catolicismo brasileiros: subjetividades e identidade no mundo plural. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 83, n. 326, p. 788–809, set./dez. 2023. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/5227/4715>. Acesso em: 11 maio 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede**: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SELL, Carlos Eduardo B. A secularização como sociologia do moderno. **Revista Brasileira de Sociologia**, Brasília, v. 3, n. 6, p. 139–168, jul./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.435>.

SELL, Carlos Eduardo; MONIZ, Jorge Botelho. Apresentação: A reconfiguração do catolicismo no Brasil no contexto da secularização. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 37, n. 1, p. 5–14, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8926085>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SOFIATI, Flávio Munhoz; MOREIRA, Alberto da Silva. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 277–301, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap10>.

Apoio: Bolsa Assistencial PUC Minas

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 21-05-2025

Aprovado em: 22-08-2025

Editor-gerente: Moisés Sbardelotto